

O desenho infantil e as relações étnico-raciais na educação infantil: uma discussão necessária?

Children's drawings and ethno-racial relationships in infant schooling: a necessary discussion?

Flávia de Jesus Damião

Professora de Educação Infantil da UFBA, Mestranda em Educação Brasileira na UFC.
e-mail: flaviad@ufba.br

Resumo

O presente artigo busca discutir a inserção do desenho e das relações étnico-raciais na educação infantil. Concebidos como produções sociais, o desenho infantil e as relações étnico-raciais são constituídos no plano da intersubjetividade, carregando em si a marca da tensão, do conflito, da influência e da interação entre a criança e o outro. Nessa perspectiva, o texto aponta o desenho infantil como uma linguagem social por meio da qual a criança representa experiências vividas e imaginadas, incluindo as de ordem étnico-raciais, buscando perceber a si e significar a sua realidade. A assunção da tarefa de problematizar o desenho e as relações étnico-raciais por parte das instituições que atendem as crianças de 0 a 6 anos deve ser realizada, porque na relação dialógica entre individualidade e sociedade, é necessário buscar um trânsito efetivo entre as várias possibilidades de ser, de estar no mundo, sem que isso possa significar a idéia de desigualdade entre as crianças.

Palavras-chave

Educação infantil; desenho infantil; relações étnico-raciais.

Abstract

The article in hand seeks to discuss the insertion of drawings and ethno-racial relationships in infant schooling. Conceived as social products, children's drawings and ethno-racial relationships are constituted on the level of intersubjectivity, bearing the mark of tension, of conflict, of influence and of the interaction between the child and others. From this perspective, the text draws attention to the child's drawing as social language by which the child represents experiences lived out and imagined, including those of an ethno-racial order, seeking to perceive themselves and to signify their reality. The assumption of the task of questioning the drawing and ethno-racial relationships on the part of institutions that attend children from 0 to 6 years of age should be fulfilled because in the dialogical relationship between individuality and society, it is necessary to seek effective communication between the various possibilities of being, of existing in the world, without this signifying the idea of inequality between the children.

Key words

Infant schooling; children's drawing; ethno-racial relationships.

O emaranhado – *Introdução*

Traços, emaranhados, cores, formas, auto-imagem, identidade, auto-estima, fala, sociabilização, amigos, escola, professores, preconceito, estereótipos, relações familiares, brincadeiras... Como no emaranhado gráfico-plástico de uma criança, essas palavras encontram-se profundamente interligadas no fazer cotidiano da educação infantil.

Olhar para esse “emaranhado” e compartilhar com algumas inquietações será o nosso desafio. O “desenho” teórico que será traçado é apenas uma, dentre muitas possibilidades de perceber e registrar a multiplicidade de relações que podem ser estabelecidas entre o desenho e a construção da identidade étnica na educação infantil.

Hoje, o grande desafio posto à educação é como construir uma ação educativa democrática que privilegie a multiplicidade de culturas, de valores, de concepções... Nessa perspectiva, a educação infantil é chamada a colocar no centro de suas reflexões, o desenho e a construção da identidade étnica como produções sociais que envolvem relações de poder.

O processo de construção do desenho e da identidade não são regidos por uma ordem harmônica e linear, muito pelo contrário, como são produzidos nos interstícios da prática social carregam em si a marca da tensão, do conflito, da influência e da interação entre a criança e o outro (pais professores, colegas, irmãos, etc.).

Olho para as rotinas domésticas de constituição do “eu”, para revelar o que dizem e como dizem os silenciados pelo sistema. No que dizem, está impressa a persistência do existir em um mundo adverso e está

impressa a luta que praticam em razão de um outro que com eles constituem o mundo a sua volta. Para além dos elementos presentes na cena empírica do cotidiano, busca-se nessas imagens visuais (...), o inusitado que incita a transgressão criadora, envolve a imaginação e dimensiona as marcas, os ritmos das práticas culturais, num processo ambíguo de afirmação e negação, de denúncia e consciência (NEUSA GUSMÃO, 1999, p.52)

O desenho e a identidade se constituem na relação dialógica entre individualidade e sociedade. Eles estão o tempo todo, como nos diz Neusa Gusmão, imersos em um processo ambíguo, de afirmação e negação do *eu* e do *outro*. Ao assumirem como sendo sua função primordial, educar e cuidar crianças de 0 a 6 anos, as creches e pré-escolas brasileiras precisam problematizar o desenho e a identidade no seu fazer cotidiano. É necessário buscar um trânsito efetivo entre as várias possibilidades de ser, de estar no mundo, sem que isso possa significar a idéia de desigualdade entre as pessoas.

Olha o que eu fiz! *Rabiscando o conceito de desenho*

O desenho foi e continua sendo utilizado pelo homem como uma maneira de significar o mundo (HUYGHE, 1986). Mas afinal, o que é desenho? Compreendemos que a resposta a essa pergunta é uma tarefa complexa, que tem diferentes respostas conforme a perspectiva teórica privilegiada na área educacional.

Uma autora, Edith Derdyk (1989) mostra que o desenho não pode ser pensado apenas como uma coisa de lápis e

papel. Ela diz que as manifestações gráficas se fazem presente por meio de múltiplas possibilidades; a pedra que risca a caverna, o chão, a impressão digital sobre os objetos, a forma como estão dispostas as conchas da praia etc.

Para Derdyk (1989) como elaboração humana o desenho apresenta duas características que se mencionadas de forma superficial, podem parecer contraditórias – trata-se do binômio amplo-específico – mas que na verdade, são elementos que se complementam e contribuem para a compreensão da expressão gráfico-plástica. A sua dimensão ampla está ligada a múltiplas possibilidades do desenho – conforme destacamos no parágrafo anterior. Quando nos referimos ao caráter específico estamos querendo ressaltar a natureza particular do desenho, que é a de comunicar uma imagem, um pensamento, um signo. Em outras palavras, apesar de não se restringir à utilização do lápis e do papel, o desenho tem sempre o objetivo de comunicar conhecimentos e sentimentos.

Dentre as inúmeras possibilidades de pensar o desenho infantil, destacamos um conceito que se inscreve em uma abordagem teórica que concebe o processo de construção e apropriação de conhecimento como resultado da interação entre a criança e o objeto.

O desenho cultivado na infância expressa a síntese dos esquemas de representação sobre o desenho do sujeito, esquemas estes que são construídos em uma busca ativa de conhecimento, o que envolve, além das situações de busca espontânea, situações de interação constante com os sistemas presentes na cultura, ou seja,

com os modelos de desenho produzidos socialmente e acumulados historicamente (IAVELBERG, 1995, p.10)

No desenho infantil estão presentes o individual e o social, o biológico e o cultural, o eu e o outro, o aspecto interpessoal e intrapessoal, pois, é no jogo de forças entre esses elementos que o desenho irá sendo produzido. A constituição do desenho, assim como a do próprio homem se dá no plano da intersubjetividade. É pelas relações que a criança estabelece com ela mesma, com outras pessoas e com o mundo físico que o seu desenho vai se revelando, não como algo natural ou espontâneo, mas como produção social (SILVA, 2002) que foi gestada em uma sociedade permeada por relações de poder que influencia os valores, normas e concepções de ser humano e de mundo.

Espera um pouquinho: ainda estou desenhando! – *Discutindo o desenho e as relações étnico-raciais*

O desenho infantil é uma linguagem que a criança utiliza para poder organizar e expressar as experiências que ela vai travando no/com mundo. Dentre as situações que vivencia, estão presentes aquelas que dizem respeito à dimensão das relações étnico-raciais. Assim, na produção de suas imagens gráfico-plásticas as crianças podem revelar a forma como vê a si, como vê aos outros, bem como as relações socioculturais presentes no seu ambiente.

Neusa Gusmão (1999) ao abordar a interação entre linguagem, cultura e

alteridade, diz que é necessário estar atento para as linguagens nem sempre visíveis e explícitas que são produzidas pela cultura da infância por meio da vida vivida e da imaginada. Para a autora, por meio dessas linguagens, a criança portadora de marcas sociais e étnicas expressa a maneira como olham seu mundo e como são olhados por ele.

Para a referida autora, o desenho é uma linguagem que a criança negra pequena pode utilizar-se para “falar” sobre as experiências negativas que já viveu por causa de seu pertencimento a um grupo cultural historicamente excluído, assim como também pode ser utilizado para favorecer a constituição de uma percepção positiva de si.

O desenho como uma linguagem socialmente constituída apresenta aspectos contraditórios de “afirmação e negação, de denúncia e consciência”. Nessa perspectiva, entendemos que o desenho pode atuar em dois sentidos: primeiro, pode ajudar as crianças negras que estão na educação infantil, a denunciar as situações de racismo, discriminações e preconceitos a que são submetidas na própria escola, no meio familiar, na comunidade, etc. e, segundo, pode constituir um valioso instrumento para possibilitar as crianças negras afirmação positiva de si e do grupo em que participa.

A partir do período dos grandes descobrimentos, os europeus começaram a entrar em contato com diferentes grupos étnicos. Como o objetivo do europeu não era simplesmente conhecer outros grupos culturais, mas sim, conhecer outros povos para dominá-los, era necessário pensar em

estratégias de subjugação. Marco Frenette (2003) em uma série de artigos intitulada *A cor da infância*, publicada pela Revista *Raça*, diz que a imposição do padrão de beleza europeu, e a afirmação da “feiúra” do negro foram importantes mecanismos de dominação.

Fruto de uma construção histórica, repetida como verdade ao longo dos séculos, a feiúra física dos negros até hoje faz suas vítimas. São adultos, adolescentes e crianças que rejeitaram seus traços fenotípicos, porque desde muito cedo ouviram que a beleza não lhes pertencia. Era exclusividade dos que foram agraciados com o padrão estético europeu. Ter pele branca, cabelo liso, nariz afilado, lábios pequenos... Eram esses, e infelizmente até hoje ainda são, os pré-requisitos que uma pessoa precisa ter para ser considerada bela.

O discurso da beleza branca vem acompanhado da idéia de superioridade. O fato de possuir a pele branca, seria um indicador de que uma pessoa pertence a grupo cultural que foi responsável pelas grandes conquistas e avanços do homem. Logo, faria parte do grupo cultural superior. Em contrapartida, aqueles que carregam no corpo a pele escura, seriam portadores da feiúra, da inferioridade. Ao grupo cultural, que estes últimos integram, sistematicamente foi silenciado o fato de que criaram ricas e complexas civilizações.

O que há de mais pernicioso no discurso ambíguo que enuncia e omite informações, é que ele corrói o amor-próprio de crianças e adultos afro-descendentes brasileiros. Passamos a realmente nos achar feios, olhamos no espelho e o que vemos

não nos agrada, porque o que possuímos não é socialmente valorizado como referencial de beleza. O conflito psicológico é intenso, desejamos ser aquilo que não somos e o que nunca nos tornaremos.

Neste sentido, como pode uma criança negra, de quatro, cinco anos, olhar-se no espelho e não querer parecer com “aquela” apresentadora de televisão, se em um mercado, na frente de outras pessoas, sua avó – também uma mulher negra – diz-lhe que levará seu cabelo (pacote de esponja de aço) para casa?¹. Havia outros adultos acompanhando a criança e sua avó, porém não se manifestaram, apenas a criança contestou o que sua avó lhe disse. Mas até quando ela contestará? Não há o risco de em determinado momento ela começar a acreditar no que ouve constantemente?

A exposição freqüente a falas depreciativas pode levar a criança a se apropriar de palavras alheias como sendo palavras próprias, o que interfere na elaboração de seu autoconceito. Quando uma criança enuncia: “Eu sou preta tenho cabelo duro”, deixa entrever os modos de interação entre ela e os outros. As palavras usadas, carregadas de sentidos com relação à negritude, apresentam-se para a criança como palavras próprias, quando se esquece, quem primeiro enunciou determinada sentença, e converte as palavras do outro em suas palavras (OLIVEIRA, 1994).

Isso não quer dizer que a criança negra vá assimilar todas as coisas que lhe dizem da maneira como dizem. Sabemos que cada pessoa cria mecanismos para enfrentar situações adversas, incluindo a forma de lidar com o preconceito e a discrimi-

nação. No entanto, não podemos esquecer que as palavras que são enunciadas sobre e para a criança negra pequena podem contribuir para aceitação positiva de si e do seu grupo ou para rejeição da estética, do valor e da cultura produzidos pelos negros.

O exemplo da menina que foi chamada pela avó de cabelo de esponja de aço em um mercadinho de Salvador é apenas um dos inúmeros episódios que acontecem diariamente na vida milhares de crianças negras. Entretanto, reflete a maneira solitária como as crianças negras têm que lidar com o preconceito. Apesar de haver outros parentes da criança e da avó no momento do ocorrido, eles simplesmente silenciaram, não falaram nada que pudesse sinalizar para a criança que não aprovavam tal atitude. Nessas circunstâncias, a criança negra percebe-se sozinha. Além de ter que enfrentar os problemas da infância, – ligados a sua realidade socioeconômica –, ela tem que encarar quase sempre sozinha as questões étnico-raciais seja no bairro, seja na instituição de educação infantil.

No âmbito da escola, as crianças não contam com os adultos – pais e professores – porque a estratégia utilizada por eles nas situações de conflito racial é o silêncio. Conforme Cavalleiro (2000) os pais não falam sobre o assunto, porque não o percebem ou porque não sabem como fazer, e, os professores, porque partem da premissa que a escola é um espaço democrático, no qual o racismo, preconceito e a discriminação não estão presentes. Aos poucos, com a ajuda de pais e professores, a criança negra vai aprendendo a se conformar com

as agressões e humilhações. Em nome, de uma pretensa "superioridade", vão lhe ensinando que o melhor a fazer é não contestar a insultos e discriminações.

Mas, como em um jogo dialético, a criança negra lança mão de outros mecanismos para poder significar e ressignificar as experiências vividas. É verdade, que muitas vezes, é-lhe vedado o direito de reivindicar verbalmente as situações humilhantes a que é submetida. Entretanto, também é verdade que a criança negra se vale de outras linguagens para poder falar sobre suas vivências. E o desenho é uma dessas linguagens.

O desenho é uma atividade que solicita a presença da criança em sua inteireza. Ao realizar uma produção gráfico-plástica, o sujeito está favorecendo uma comunicação entre os aspectos afetivos, motores e cognitivos. Portanto, mesmo que não seja sua intenção, ao desenhar a criança está contando um pouco de si, expressando seus gostos e preferências ou revelando o que está a lhe incomodar.

Na brincadeira com linhas, pontos, cores e formas a criança negra pode significar as experiências vividas, pondo em ação e integrando por meio da criação de imagens uma série de fatores que podem contribuir para a constituição de uma percepção valorizada de si. Por isso, as creches e escolas de educação infantil públicas precisam discutir e traduzir sua reflexão sobre o desenho e as relações étnico-raciais, em ações sistemáticas. A assunção de tal desafio vincula-se ao fato de que tais instituições se constituem em espaços sociais privilegiados, que se por um lado, ainda permite ati-

tudes discriminatórias, por outro lado, devem ajudar a criança a construir uma identificação positiva de si como pertencente ao grupo negro.

Está quase pronto, mais um pouco e...Terminei! – *Considerações finais*

A discussão em torno da Educação Infantil e da Construção da Identidade Étnica precisa considerar a sociedade, a história, a cultura e a educação no interior das quais são produzidos os discursos e as práticas sobre os referidos temas. O desenho e a identidade não são elementos neutros da ação pedagógica, antes, revelam concepções educacionais fundadas na competitividade ou na solidariedade, nos valores econômicos ou nos valores humanos.

Problematizar a constituição do desenho infantil, da identidade étnica, e as múltiplas relações que podem ser estabelecidas entre ambos são desafios que precisam ser assumidos por todos aqueles que atuam na educação infantil. A assunção desta tarefa por parte das instituições que atendem crianças de 0 a 6 anos deve ser realizada, não porque estes temas estão na ordem do dia, porque são politicamente corretos ou porque a instituição de educação infantil está sensibilizada em promover a tolerância.

As creches e escolas de educação infantil precisam questionar a constituição social do desenho e da identidade étnica e traduzir sua reflexão em ações pedagógicas concretas para atender as crianças que raras vezes têm sido foco da prática pedagógica, as crianças negras. Desde pequenas,

deve ser garantido às crianças negras, o conhecimento de que os racismos vigentes na sociedade brasileira são maneiras de excluir os negros do acesso a habitação, educação, saúde, trabalho etc, ou seja, de excluir do acesso aos bens sociais.

Na educação de crianças de 0 a 6 anos o desenho e a identidade étnica não podem ser silenciadas. Precisam estar presentes, porque se constituem em elementos fundamentais no processo de desenvolvimento da criança. As instituições de educação infantil devem favorecer a fala, a expressão dos sentimentos e idéias que a criança tem sobre o desenho e sobre a identidade étnica por meio da brincadeira, do movimento corporal, da música, da oralidade, das artes visuais, e de inúmeras outras linguagens que a criança pode utilizar.

O desenho infantil é uma linguagem social por meio da qual a criança representa experiências vividas e imaginadas, buscando perceber a si e significar a sua realidade. As

imagens elaboradas pelas crianças negras e a percepção que tem de si não são imunes aos valores e regras que circulam na sociedade na qual estão inseridas, antes, refletem-nos. Professores, diretores e coordenadores que atuam nas instituições de educação infantil precisam estar atentos para o fato de que o desenho infantil e a identidade étnica são elementos essenciais para o desenvolvimento integral da criança negra. Uma criança que exige ser respeitada na sua alteridade, como um ser completo e complexo, que sente, pensa, age e cria, que busca compreender o mundo e suas relações por meio da linguagem gráfico-plástica e da afirmação de uma identidade étnica positiva.

Notas

¹ Este fato foi presenciado por mim em um bairro de maioria afrodescendente de Salvador próximo ao bairro no qual resido. O bairro no qual tal evento ocorreu chama-se Jaqueira do Carneiro e encontra-se localizado na região norte de Salvador.

Referências

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. *Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil*. São Paulo: Contexto, 2000.

CUNHA JÚNIOR, Henrique. Africanidade, afrodescendência e educação. *Educação em debate*, Fortaleza, v.2, n.42, 2001.

DERDYK, Edith. *Formas de pensar o desenho: o desenvolvimento do grafismo infantil*. São Paulo: Scipione, 1989.

FRENETTE, Marco. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/simbolo/raça/1099/inf_01.htm>. Acesso em: 31 jul., às 0h33min.

GUSMÃO, Neusa M. M. Linguagem, cultura e alteridade: imagens do outro. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n.107, p.41-78, 1999.

HUYGHE, René. *Sentido e destino da arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

IABELBERG, Rosa. O desenho cultivado na criança. In: CAVACANTE, Zélia (Coord.). *Arte na sala de aula*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

OLIVEIRA, Ivone Martins. *Preconceito e autoconceito* identidade e interação na sala de aula. 2.ed. Campinas: Papirus, 1994.

SILVA, Maria Cintra. *A constituição social de desenho da criança*. Campinas: Mercado das Letras, 2002.

SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

Recebido em 17 de agosto de 2006.

Aprovado para publicação em 30 de agosto de 2006.